

Carta a um professor de outrora

Hoje, o jogo é diferente – num campo
diferente e num mundo diferente

BEL KAUFMAN

CARO Sr. Stock,
Provavelmente o senhor não se lembraria de mim, ainda que fosse vivo. Eu frequentava suas aulas de inglês, na sala 512 da escola secundária de South Side, em Newark, Nova Jersey.

Na sala de aula, o senhor nos mandou escrever uma redação sobre a heroína de um romance, mas eu negligenciara a leitura do livro em questão. Apanhado de surpresa, escrevendo freneticamente contra o tempo, descrevi uma jovem, o aposento em que ela se sentava, o raio de luz da janela alta, mãos no regaço, cabeça cheia de pensamentos. Antecipei para mim mesmo o fracasso, uma desgraça. Em vez disso, porém, o senhor me deu uma classificação negativa por eu estar despreparado – e

um 10 por ter feito uma coisa muito minha. E rabiscou este comentário: «Não é o personagem de Thomas Hardy, mas você criou um tipo muito convincente.»

Não creio que o senhor imaginasse o que estava fazendo por mim, Sr. Stock. O senhor me *reconheceu*. Não eram meus defeitos que o senhor acentuava, mas meu valor. Pela primeira vez, tive a noção concreta de que o que eu criara dentro de minha cabeça podia ser real para outras pessoas. O ensino verdadeiro tem muito que ver com este primeiro tempo, a palpitação da descoberta: «Eureka! Compreendo! Eu vejo!» – um novo planeta no céu, ou letras do alfabeto que subitamente formam uma palavra.

O senhor tinha sempre a maneira de fazer com que cada um se sentisse especial, Sr. Stock. Quando algum de nós regressava após uma ausência, o senhor dizia: «Sentimos sua falta.» Quando algum de nós

BEL KAUFMAN é professor de inglês e tem lecionado em muitos colégios de Nova York. Escreveu *Up the Down Staircase*, sobre o ensino numa escola do interior.

CONDENSADO DE «TODAY'S EDUCATION» (MARÇO-ABRIL DE 1975), © 1975 DE THE NATIONAL EDUCATION ASSOCIATION OF THE UNITED STATES, WASHINGTON, D. C.

não estava preparado, o senhor balançava a cabeça: «Isso é desagradável; todos estavam esperando saber o que *você* pensa.» Quando chegávamos atrasados, o senhor pressupunha que o motivo devia ser sério bastante para que fosse necessário perguntar a razão. O senhor nos tratava como adultos, seus iguais. «Não seja capcioso», dizia o senhor, admitindo que nós conhecêssemos a palavra ou que a procuraríamos num dos dicionários que o senhor deixava espalhados pela sala.

Porque o senhor sabia que éramos de qualidade, alunos pontuais que faziam conscienciosamente os deveres de casa, que fazíamos exames sem trapacear, estudantes devotados — nós éramos assim, e agíamos assim! O senhor assim *achava*, e isso é que era importante. Só agora é que posso ver que as exigências que o senhor nos fazia eram enormes.

Esses eram os dias áureos da escola, com esportes ao ar livre e competições de atletismo, livro feito pelos formandos com as fotos dos alunos por ordem alfabética, cabelo à escovinha, por cima de legendas como *O estudo melhora o homem* e *Planos futuros: universidade e educação profissional*. Eram os dias de «Silêncio absoluto» nos exercícios de incêndio; de marcha em fila dupla para a sacrossanta reunião das sextas-feiras, onde se jurava fidelidade à bandeira. Eram os dias da obediência tão absoluta como o silêncio, quando mascar chiclete

na aula era infração muito séria, quando qualquer palavra a mais para um professor era uma insolência inaudita. Eram os dias da nossa inocência, e eu me lembro deles com nostalgia, especialmente agora que sou professor.

Convido um aluno a procurar uma palavra no meu dicionário. Ele volta as costas, incrédulo: «O senhor deve estar brincando!» — e imagino logo que não é capaz de ler.

Se me ofereço para ajudar uma aluna a preparar sua composição depois da aula: «Não me atrevo a ficar. Tem havido muitas mortes e violações no meu bairro.»

Querido Sr. Stock, eu me pergunto como o senhor se sentiria na escola americana de hoje, quando os professores se tornaram O Inimigo, e os estudantes (a maioria negros revoltados e porto-riquenhos frustrados, treinados no fracasso desde o dia em que nasceram) nos movem uma guerra diária. Tento imaginar o senhor numa escola que conheço, onde os administradores impotentes mandam para os professores torrentes de advertências, aconselhando-os a fecharem a porta à chave, a esconderem as trancas das janelas, a segurarem firme a carteira no bolso; onde há polícia no vestíbulo, maconha nas escadas, assaltos na entrada e no banheiro, roubo com navalha ameaçadora, vandalismo, incêndio provocado... e ainda pior.

O senhor não reconheceria o velho quadro de avisos, com seus estudos africanos, programas para a

reabilitação dos toxicômanos, ou o quadro-negro onde uma criança escreveu a giz: «Morte aos professores brancos!»

O senhor se espanta? Essas crianças têm motivos de queixa legítimos. Ao menos, hoje elas podem falar, gritar e protestar, em vez de ficarem sentadas em suas carteiras, olhos voltados para frente, como tínhamos que fazer no meu tempo.

Agora é um mundo diferente, Sr. Stock. Nossa autoridade como professores é contestada como nunca; nossos métodos são questionados também como nunca. Nós nos deparamos com problemas sem precedentes, que não dependem de nós – de sorte que é uma vitória quando (entre patrulhar corredores, fiscalizar banheiros, evitar brigas, preencher impressos) às vezes conseguimos ensinar, por meios bons ou menos agradáveis.

Ensinar o quê? O que ensinaria, Sr. Stock, a uma criança que lhe diz: «Minha família está na pior; não posso ficar na escola?» Que *planos futuros* existem para quem escreveu: «Meu futuro já acabou?»

Estarão realmente mortos os professores como o senhor?

Pedi a meus alunos que completassem a frase «Uma vez eu tive um professor que...» com algo positivo, alguma coisa que fosse importante para eles. Escreveram:

«não era preconceituoso. Quando me pedia as coisas de maneira gentil, eu fazia.»

«se eu não estava bem por dentro do assunto, ele não fazia eu me sen-

tir ignorante, e me olhava como um ser humano, não como uma nota escolar.»

«não falava comigo só da boca para fora, mas dizia coisas que vinham de dentro.»

«era negro como eu, isso nos aproximava.»

«pensava que eu era mais inteligente do que na verdade eu era, e então eu era mesmo.»

Aqui está minha resposta, Sr. Stock. Acho que sempre a conheci. Na minha mesa, tenho guardado um cartão de Natal, o desenho de um elefante redondo com a legenda EU NUNCA ESQUEÇO, e embaixo, a lápis: «Eu também não. Quando voltei da cadeia, o senhor não perguntou por quê, mas disse 'seja bem-vindo' e me deu um livrinho em branco para anotações. Seu aluno que nunca o esquecerá, Ray.»

O senhor enfrentaria hoje tempos difíceis, Sr. Stock, mas creio que não teria medo. O senhor nãoalaria apenas da boca para fora. O senhor trataria cada criança como um ser humano, e ainda esperaria que os estudantes dessem o melhor de si – não comentando Thomas Hardy ou quem quer que fosse, mas de si mesmos, não importa qual fosse esse melhor.

Professores como o senhor não morrem enquanto houver um aluno que escreva: «Uma vez tive um professor...» Essa é nossa imortalidade.

Seu aluno que nunca o esquece,

Bel Kaufman

❖ || Maneiras Pitorescas de Dizer || ❖

Classificados

O enredo é praticamente a única coisa que os filmes de hoje deixam por conta da imaginação (O. C.)

A primeira coisa que uma criança aprende quando ganha um tambor é que nunca mais há de ganhar outro (Putnam County, Ind., *Graphic*)

A acupuntura nos deixa em dúvida: é a penicilina que nos cura ou simplesmente a injeção (T. R. S.)

É claro que você pode ter umas ótimas férias e não ir além do orçamento. Só que em ocasiões diferentes (*Changing Times*)

Cada filme conta uma história. E muitas vezes a história é que alguém não sabia usar corretamente a câmara (Hugh Allen)

Poesia Perdida

O dedo admoestador do campanário (Edna Ferber)

Um gráfico de edifícios na folha do céu (R. P.)

A calma do lago rompida pelo salto de uma truta (Jim Bishop)

A nostalgia já não é mais o que era (Peter de Vries)

Toque Pessoal

Ele falava como se estivesse pregando cada palavra com uma tacha (T. M.)

Seus olhos brilhavam como um sinal de passagem-de-nível (T. P.)

Lutava para readquirir a calma como se ela fosse um casaco cujas mangas não conseguisse encontrar (J. M.)

O filme era tão antigo, mas tão antigo, que a garota ainda dizia «não» (J. O.)

Definições

O aluno moderno é o que traz ao professor comprimidos de aspirina em vez de maçãs (Hugh Allen)

Modéstia: arte de encorajar os outros a descobrirem por si mesmos como somos importantes (Pivot)

Procrastinação: defeito que muitos deixam para corrigir amanhã (I. N.)

Cozinha é o recanto da casa onde mais freqüentemente as mulheres não vão (Cork, Irlanda, *Evening Echo*)

Supermercado é o lugar onde a gente leva meia hora para encontrar café instantâneo (F. A.)